

Título: A morte é um negócio: as ofertas das associações religiosas frente à morte e o morrer no setecentos mineiro

Autor(es) Leonardo Augusto dos Santos

E-mail para contato: almeidamarcelina@gmail.com

IES: FESBH

Palavra(s) Chave(s): Morte; Morrer; Irmandades; Minas Gerais

RESUMO

A pesquisa, a morte é um negócio: as ofertas das associações religiosas frente à morte e o morrer nos setecentos mineiro, foi desenvolvida com o objetivo de compreender a atuação das irmandades mineiras frente às questões relativas a morte no século XVIII na Capitania de Minas. Como procedimento metodológico, foram analisadas fontes manuscritas como os livros de compromissos de algumas irmandades mineiras. Estes livros eram os documentos através dos quais as irmandades descreviam seus regulamentos aos quais estariam submetidos os irmãos professores e foram nesses documentos que buscamos analisar as ofertas das irmandades no que tange aos rituais fúnebres. Também, foi realizado um levantamento bibliográfico concernente ao tema, com o propósito de se obter melhor compreensão sobre as práticas desempenhadas pelas irmandades. A morte, entendida como um processo natural de finitude das atividades do homem na terra se contrapõe ao imaginário do homem colonial que sustenta a ideia de continuidade de vida após a morte. Imersos em um sistema colonizador, o homem colonial se encontrava frente a situações onde pairava as disputas, a ganância e a busca pelo poder, e carentes de ajuda por parte do Estado Absolutista Português, estas pessoas começaram a buscar apoio nas irmandades, instituições formadas por leigos, que ofereciam apoio e ajuda àqueles que nelas fiassem. Diversas foram as maneiras pelas quais as civilizações, no decurso do tempo, têm se relacionado com a morte e o morrer e, certamente, vários fatores entre eles as questões sociais, religiosas e políticas, influenciaram o modo de como as sociedades encaravam a morte. As irmandades mineiras foram uma das principais, senão a principal forma de se garantir a salvação da alma do defunto através dos sufrágios, cortejo fúnebre e o sepultamento, indiferente de sua condição social todos gozavam dessas ofertas, porém, havia uma diferença quantitativa de missas em relação a condição social ocupada pelo defunto. Através das análises realizadas nos livros de compromisso, notamos certa preocupação das irmandades em conseguir o maior número de covas possível, onde solicitavam ao bispo a concessão dessas covas, afinal, enterrar bem seus membros era sua maior preocupação, e essas ofertas seduziam o homem colonial, que buscavam a morada eterna no paraíso, longe dos tormentos que acreditavam estar presente no inferno e no purgatório, este último era visto como um lugar de passagem, onde a alma iria expiar suas culpas. Os livros de compromissos das irmandades mineiras esclarecem acerca da preocupação dos vivos com a hora da morte. É comum encontrar nesses documentos, ofertas de rituais fúnebres como se fosse um negócio. Talvez seja este o fato das irmandades arregimentarem em seu seio centenas de irmãos, todos interessados em garantir o sepultamento e os sufrágios para a alma. Entende-se que o caráter de negócio está justamente na troca de favores entre sociedade/irmandades, onde as irmandades ofereciam o que a sociedade buscava: a garantia dos sufrágios pós-morte e todas as questões fúnebres. E em troca, arregimentavam o maior número de contingente e arrecadava mais fundos para manter a irmandade e custear a edificação de templos religiosos e garantir o assistencialismo para todos os irmãos. Portanto, as irmandades foram o ponto de apoio da sociedade mineira frente às questões fúnebres, foram elas as responsáveis durante o século XVIII pelas ofertas de: missas, terços, esquife, sepultamento e cortejos, porém, só gozariam dessas ofertas, àqueles que fossem filiados a alguma irmandade. Mesmo sendo essa sociedade hierarquizada, até mesmo os escravos, filiados à irmandade, gozavam desses privilégios.